



Gaiato

11 DE JULHO DE 1970

ANO XXVII — N.º 687 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Pai Américo

E

STAMOS recordando os 14 anos que separam dele os nossos sentidos. As nossas almas, não — nunca estiveram longe. Acreditamos, mesmo, que a morte é condição favorável a uma intimidade maior.

Cristo também não ficou visível entre os homens — Ele, o mais presente que ninguém a todos os que aceitam o Seu amor. Estes «não podem dizer que O tenham visto», mas sim dar testemunho do «Seu bafo, sentido» nas horas de agonia — os que aceitaram o Seu amor e lutam pacientemente até ao fim, sobre a banalidade da sua carne, pela ascensão da sua alma efectuada na assunção do seu Próximo: a eficácia do amor de Cristo oferecido a todos os homens.

Pai Américo entendeu como raros a dinâmica do Reino de Deus. Não adquiriu a ciência dos teólogos, mas possuiu a sabedoria dos humildes, a quem o Senhor Se revela magnânimamente e por quem Se revela autenticamente.

Seu sacerdote (também recordamos o aniversário próximo da sua Ordenação e Missa Nova), foi nele viva a consciência de ser dom sagrado feito por Deus aos homens seus irmãos. Dom... — semente para morrer e dar Vida; fermento para perder-se na massa e levedá-la; pão para ser comido e restituir forças; pastor para guiar e defender; pai para gerar e reunir... — dom sagrado, porque dele Deus Se quis servir no serviço dos homens por Ele amados!

Continua na TERCEIRA página

Presença da Igreja

Palavras do Papa aos habitantes do Bairro de «S. Elias» na Sardenha:

«Eis-nos no Bairro de «S. Elias».

Desejámos Nós mesmo vir até aqui, entre vós, habitantes deste Bairro, do qual Nos referiram que é destinado à gente que tem necessidade de tudo.

Poder-se-á alguém perguntar: porque é que num dia tão breve e tão cheio de encontros belos, solenes e agradáveis, o Papa quer ir ao Bairro de «S. Elias», onde não há nada de interessante para ver?

Respondemos: vós sabeis que Nós temos a grandiosa e tremenda missão de representar — indignamente, mas verdadeiramente — o Senhor, Nosso Senhor Jesus Cristo; aquele mesmo Jesus do Evangelho, que atribuiu a Si próprio as palavras do profeta Isaias: «(Deus) me enviou a levar a boa nova à gente humilde» (Lc, 4.18). Se assim disse e fez Jesus, Senhor e Mestre (Cfr. Jo. 13.13), devemos também Nós fazer a mesma coisa: devemos ir procurar a gente humil-

«Continua na SEGUNDA página



VISTAS DE DENTRO

A sineta foi sempre um chamariz para os mais pequenos. Não avalio a sensação que será tangê-la, mas sei que infalivelmente corre pressuroso aquele que o Chefe-maioral envia a «dar dois toques» para assinalar o silêncio em que se há-de começar o terço.

Quantas páginas lindas Pai Américo não escreveu sobre a sineta! E considero, até, das mais felizes a sua fotografia junto dela — que hoje publicamos em lugar de honra.

Pois se há uma hora em que a sineta não seria precisa é no largar do trabalho. Todos, nesse momento, sabem as horas, mesmo os que não têm relógio. E existe certa tendência para que os relógios se adiantem!... Não há, portanto, necessidade de sonoro e prolongado toque. Mas, se calha ser encarregado dele algum dos pequenos, é certo que o teremos... e a rebate.

Ainda há pouco assim foi com «Papagaio».

x x x

Nós somos a Casa da sempre-lágrima, do sempre-riso, da cantiga permanente. Não há hora do dia em que não coexistam

estas expressões de dor ou de alegria, provocadas por acidentes ou escaramuças, ou pela vida-que-corre-bem, a qual, graças a Deus, é ainda a tônica dominante.

Agora que é verão e as janelas se não fecham e a malta das primeiras classes, em férias, passa o dia ao ar-livre — esta música feita de acordes

desencontrados, chega aqui ao escritório, onde me esforço por escrever alguma coisa, sem interrupção de programa.

x x x

O programa do meio-dia na TV é muito frequentado. Eu pensava que era sobretudo pelo calor cá fora, em contraste à fresquidão das nossas salas... Mas verifiquei que não: é o filme do Tim-Tim. Verifiquei um dia destes ao ir lá. E só então, reparando na presença maciça dos «Condes» — nome com que na nossa gíria são genéricamente designados os que já regressaram da tropa e habitam a Casa 1 — só então eu descobri a razão do tímido e sorridente pedido do Neca, uns dias antes, quando, ao levantar da mesa, o convoquei para combinarmos uma obra: — Se puder ser, é só um bocadito e volto já...

Era o Tim-Tim!

Continua na TERCEIRA página

de e pobre em Cagliari, de modo semelhante ao que fizemos durante as outras nossas viagens.

Eis-nos, por isso, aqui no meio de vós, habitantes do Bairro de «S. Elias», filhos e irmãos caríssimos. Muito obrigado pelo vosso acolhimento.

Mas, parece-Nos ler nos vossos olhos uma outra pergunta: E agora, o que é que o Papa vem aqui fazer entre nós? Uma simples visita de curiosidade? Uma visita de publicidade? Que importância pode ter para nós uma visita de poucos minutos e de poucas palavras?

Respondemos ainda e reparamos bem naquilo que estamos para vos dizer. Viemos aqui para vos demonstrar a todos que reconhecemos a vossa igualdade em relação a todos os outros homens, embora eles sejam talvez mais instruídos e disfrutem de um maior bem estar. Vós sois cidadãos, com direitos iguais aos de todos os outros cidadãos: a sociedade não vos deve transcurar nem desprezar. Dizemos ainda mais: vós sois cristãos, sois filhos de Deus e sois irmãos da Igreja de Cristo: tendes uma dignidade igual! Melhor, vós, precisamente porque sois pobres, tendes uma «dignidade eminente» (Bossuet); sois mais do que todos os outros, merecedores de respeito e de interesse. Vós, no Evangelho, sois os preferidos, estais à frente dos outros e mais próximos do amor de Cristo e do grande

Presença da Igreja

dom do seu reino. Assim viemos aqui para vos saudar, para vos prestar honra, para reivindicar para vós, na Igreja e na sociedade civil, aquele lugar digno que vos compete; e, ainda, para elevar ao grau de direitos as vossas necessidades (e, quantas serão!): desde a habitação suficiente e decente, ao pão e ao trabalho, à escola e à assistência sanitária, à participação no bem estar comum... para vós e, especialmente para estes vossos filhinhos.

Palavras! dirá alguém: e os factos?

Respondemos de novo: sim, são palavras; mas são palavras boas e verdadeiras; e Nós esperamos que elas sirvam para vos dar ao menos algum conforto. Não é porventura um «facto» também o conforto? Não é acaso «das palavras que saem da boca de Deus» que vive o homem mais alinda do que do pão material? (Cfr. Mt. 4,4). Foi o Senhor quem o disse. E é mesmo assim, porque vós, Nós o sabemos, tendes necessidade, antes de mais nada, de ser consolados; tendes necessidade de serdes elevados moralmente, na alma. Não tendes vós uma alma? Uma alma que vale mais do que o corpo? Uma alma atribulada? Uma alma

capaz de viver dos tesouros mais preciosos, quais são os do espírito? Ou seja: os tesouros da fé, da oração e da bondade?

Depois, vós bem o sabeis, os «factos» começam pelas palavras. Mesmo os factos nos quais as vossas condições penosas vos fazem pensar; os factos económicos e os factos sociais. Estes factos, na verdade, ou seja o bem-estar digno do homem, derivam das palavras; isto é, das ideias, dos princípios e dos bons raciocínios. E, pronunciar aqui as palavras que devem preparar os factos, não é já alguma coisa de positivo? Encontramos-Nos aqui, como onde quer que vamos, qual advogado dos Pobres: Desagrada-vos que Nós sejamos o vosso advogado? E que invoquemos aqui, nesta hora, de quem vos pode e vos deve ajudar, que faça qualquer coisa por vós, faça mais, faça bem e depressa? Vede: Nós precisamente porque somos enviados por Cristo, possuímos uma riqueza particular, possuímos o amor. O amor é uma força. Queremos transmitir-vos este amor cristão, para vosso conforto, para a vossa união e para a vossa esperança; mas queremos infundi-lo e inculcá-lo também nos outros, isto é, nos ricos, nos responsáveis pelo bem público nos irmãos e nos ministros da Igreja; se todos estes se deixassem penetrar pelo amor cristão, não seriam mais facilmente e mais rapidamente melhorados os vossos destinos? E isto, sem ódio, sem egoísmo, sem revolução e sem demora.

O diálogo, segundo quanto Nos é dado perceber, deve ainda ser continuado: porque é que, pergunta-se-Nos, o Papa não dá o exemplo?

Meus caros: aceitamos também esta pergunta. O Papa, sim, deve dar o exemplo. Mas, o Papa não é rico, como tantos

dizem. Nós temos mesmo dificuldades para suportar as despesas da Santa Sé, quer dizer, dos serviços necessários para o bom andamento central de toda a Igreja; depois temos tantas outras necessidades, às quais devemos dar remédio, no mundo inteiro, como são, por exemplo, as das missões. Mas, todavia, procuramos fazer aquilo que podemos, com o coração despegado dos bens

económicos e bem ligado às necessidades dos Pobres e dos que sofrem. Não podemos fazer senão muito pouco, infelizmente; mas, procuramos sempre dar um indício da nossa boa vontade, por toda a parte. Também aqui queremos dar esse sinal, um pequeno sinal, de tal boa vontade.

Mas, ao mesmo tempo, queremos deixar também outro sinal, espiritual, um grande sinal de fé, de esperança e de amor, em nome de Cristo: a Nossa Bênção.»

(In «L'Osservatore Romano», Ano I, N.º 17, 26 de Abril de 1970)

CARTAS

• O... LADRÃO DOS CORAÇÕES!

«Mortinha estava eu por lhes escrever estas linhas, para lhes dizer que muito e muito obrigada pel' «O Gaiato». Mas como eu nunca tenho uma alegria completa, neste caso também não lhe posso dar. Pois têm de me atender e não tomar a mal por lhes pedir pela terceira vez que me não mandem o Jornal pelo correio. As razões deste meu pedido são muitas. Uma é a minha idade — 74. E muito doente do coração e mais coisas. Sem alegria de viver, porque vivo sôzinha. Ora, morrendo eu, «O Gaiato», ficava para ser lido de borla? Pois a casa será logo despejada e entregue à senhoria.

«Agora, a outra razão é de toda a importância para mim: Eu quero ler «O Gaiato» à minha vontade... porque o trabalho que faço de costura é pouco, pois trabalho apenas por alguma habilidade que tenho.

«Mas descanse que eu não deixo de ler «O Gaiato»! Pois assim como eu, na costura, ganho para comprar o jornal

todos os domingos, também dá para eu comprar «O Gaiato». Compro porque quero, pois tenho quem me empreste. Mas quero comprá-lo com todo o amor de sempre. E também não deixarei de dar notícias minhas enquanto Deus me der vida.

«E aqui lhe digo que no próximo sábado, quando for à praça, lá irei buscar o... Ladrão dos corações!

«Com os meus cumprimentos e mil desculpas de tão mal escrever, e o meu coração nem sequer me deixa escrever certinho! Desculpem. Amiga Pobre, mas desde sempre Leonor.»

• LEIO-O DE PONTA A PONTA E MAIS QUE UMA VEZ

«Tinha um desejo enorme, de possuir todos os livros escritos pelo nosso venerando Pai Américo. E Deus, para que eu o conseguisse, deu-me coragem para estudar para um concurso que, por grande milagre fiz e consegui passar.

Assim, fui aumentada 400\$, que eu tinha prometido a mim mesmo, se conseguisse vencer, seria no primeiro mês, metade para os livros e a outra para as obras da igreja da minha freguesia.

Por isso, aqui estou pedindo o favor de me mandar os livros para que os 200\$00 juntos cheguem, dizendo-me, por favor, o que terei que mandar mais, para ficar com todos os livros até agora publicados.

O vosso apreciado jornal «O Gaiato», é uma leitura que faço todas as quinzenas, com verdadeiro prazer, pois nele tudo nos interessa. Leio-o de ponta a ponta e mais que uma vez.

Não sou assinante, porque prefiro comprá-lo aos vossos pequenos vendedores. Faz-me pena ver o seu anseio de vendê-los e tão pouca coragem de desviar um mísero escudo, de dinheiro por vezes tão mal ganho.

Estou envergonhada pelo tempo precioso que roubei, mas precisava de dizer-vos que os bendigo e admiro, pelo muito que dão, a crianças que sem vós, nada teriam e seriam bem desgraçadas.

Benditos sejam e que Deus os encha da Sua Graça.»

ORDINS

Apesar de doente e de não se trabalhar em chelo como de costume, por falta da minha assistência junto dos trabalhos, graças a Deus, algumas encomendas se têm feito. Passo a enumerar as terras para onde foram. Isto desde Janeiro até agora.

Lisboa, um chale e uma camisola. Castelo Branco, um chale e 3 capas para senhoras. Da América, pedem para mandar 1 chale para a Murtosa. Foi satisfeito o seu desejo. Aproveito para agradecer a esta Senhora, os donares e roupas que de vez em quando nos manda e que tanto jeito fazem aos nossos Pobres. Uma Senhora de Lisboa pede para mandar 10 camisolas para os Gaiatos do Tojal. Há lá tantos rapazes para vestir! Quem dera que outras Senhoras lhe sigam o exemplo. Também de Évora pediram para dar 2 camisolas a dois Pobres do nosso lugar. Foram para mãe e filha que tiritavam de frio. Porto, doze camisolas e 35 tapetes em tiras. Aveiro, 1 colcha em lã e algodão. Porto, 6 pares de

coturnos para homem, em lã. Coimbra, algumas pegadas para tachos. Do Barreiro pedem para mandar um lençol e uma manta para o Calvário. Matosinhos, uma manta para carro, muito quentinha para viagem. Castelo de Paiva 2 pares de sóquetes para dormir. Setúbal, 1 colcha em lã e algodão. Lisboa, D. Amélia, 47 camisolas. Foz do Douro, 2 mantas de tiras, próprias para se levarem para a praia ou campo. S. José das Matas, 1 chale. Mesão-Frio, 1 chale. Póvoa da Rainha, um chale. Estoril, um chale e 3 três mantas em lã para viagem. Alhandra, 1 manta. Vila Rei, B. B. uma manta. Porto, seis colchas em lã e algodão. Temos muitas encomendas delas, sinal que agradam. Para Lisboa várias pessoas pediram camisolas, sóquetes, chales, pegadas e colchas. Com os donativos mensais, não se preocupem que tudo cá chega. Várias pessoas, consoante as suas posses e generosidade, têm

Continua na TERCEIRA página



Rumo ao lameiro, «Isas» e «Fuinha» conduzem o carro de bois.

Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

Pai, justamente lhe chamou há muitos anos um dos seus filhos pequeninos. E a deturpação da palavra padre no sentido exacto da sua significação essencial foi assumida por todos os seus filhos, ficou geralmente aceite e usada por «só Deus sabe quantos — sacerdotes, religiosos e leigos — que encontraram no seu exemplo, nas suas palavras ou nos seus escritos, a revelação ou o estímulo da autêntica caridade cristã».

Tanta pergunta ociosa se faz por esse mundo! — «O que é um padre em 1970?»

— Ininterruptamente em 1900 anos de História da Igreja (e por todos os milénios que o tempo conte), um padre é um pai. Mais nada! Não se pergunte o que ele faz ou o que lhe compete. Essa pergunta é uma profanação. O que tiver recebido autenticamente o carisma da vocação, sabe o que

lhe compete e fá-lo-á. O Povo de Deus, chame ou não lhe chame Pai, tê-lo-á como tal no seu coração; venerá-lo-á como convém à dignidade de tal estado; deixar-se-á guiar pela sua voz, defender pelo seu amor; sentir-se-á mais vivo pela Vida que dele irradia; e mais espontaneamente se reunirá em família sob a sua presidência orgânica, vital.

— O preço desta riqueza? — A vida. A vida que só perdendo-a se poderá reencontrar em Vida, transubstanciada por causa da Vida para muitos em que aquela se multiplicou pela fecundação da Graça.

Esta a condição do «padre para sempre», do padre de todos os tempos.

Assim é o padre-Pai Américo: «candeia que se consome alumando».

Visado pela
Comissão de Censura

Um dos tipos de abandono mais correntes nos dias de hoje é, sem dúvida, o que se processa debaixo das telhas da mesma casa, com os pais para um lado e os filhos para o outro. Aqueles assoberbados com o angariar dos bens materiais, por vezes numa dimensão para lá do razoável, esquecem valores primários, como os da educação dos filhos, na qual têm um papel, indispensável e basilar; outras vezes, além dos negócios ou dos afazeres profissionais, são as solicitações dos tempos, como os prazeres do mundo, as reuniões ditas de sociedade, os amigos, as diversões ou os pretextos mais variados, que lhes fazem esquecer as suas responsabilidades de pais. Os filhos, por sua vez, embora porventura dispondo de todos os recursos deste mundo, acabam por crescer e viver ao desamparo, entregues talvez a mercenários muito competentes, mas sentindo na sua própria formação as carências da ausência dos progenitores, com os consequentes desajustamentos e inibições, que os levam, tantas vezes, à revolta e aos desequilíbrios mais variados.

Como já temos escrito e pregado em muitas circunstâncias e lugares, devemos insistir que se educar é específico do homem, também é sua responsa-

Aqui, LISBOA

bilidade inalienável. Quem se situa no simples gerar equivale-se ao mero bruto, pois este também disso é capaz. Demitindo-se dos seus deveres de educadores, os pais renunciam a eles contraídos nos planos biológico, psíquico e moral, que lhes são próprios e para os quais não haverá substitutos capazes, por mais que as ciências avancem, dado que estão impressas na própria natureza humana. As excepções só poderão, como noutros aspectos, confirmar a regra. Amparar e acariciar, ouvir e procurar compreender, impulsionar e corrigir, louvar e castigar, respeitar e ensinar, dar o exemplo e aceitar a personalidade própria dos filhos, são atitudes que se supõem em pais preparados e que amam verdadeiramente aqueles a quem transmitiram a vida. Quer dizer, em suma, que os pais não só se devem debruçar atenta e devotadamente sobre os seus filhos como procurar formar-se afincadamente para o exercício das suas responsabilidades de educadores.

Pelo contacto com as realidades podemos afirmar que o abandono a que nos referimos

oferece perspectivas assaz sombrias, tão graves para o futuro da sociedade como aquelas de que se fala normalmente, quando os pais deixam os filhos ou nem o próprio nome lhes querem transmitir. E o caso é tanto mais trágico quando atentarmos que o mal invade até as famílias tidas como cristãs. Como serão os homens de amanhã? A resposta será dada pela actuação dos pais e dos educadores em geral. De qualquer modo, embora despresticiosamente, aqui fica um grito de alarme, baseado no ver e compulsar de muitos dramas, para os quais não temos panaceias ou soluções milagrosas, porque criadas situações irreversíveis tendo na origem a abdicação dos primeiros responsáveis.

x x x

Era nosso intento proceder-se à inauguração da nova Casa-mãe no dia 16 de Julho, aniversário do nascimento para a eternidade de Pai Américo. Infelizmente não é possível, por razões óbvias e que chegado o verão, mais fundadas se tornaram. Lá para Outubro, a 23, em que lembramos a natalidade terrena de Pai Américo, fazemos contas de ter as obras prontas, colocando-as ao serviço dos Rapazes Ao comunicar-vos isto queremos que partilheis connosco das angústias e das ansiedades, que não só de alegrias e da satisfação de podermos receber, em breve, mais alguns «filhos de ninguém», em instalações dignas e capazes.

Padre Luís

Cont. da PRIMEIRA página

Mário é irmão do Adorindo e aqui conhecido pelo «Rafael» por ser também seu irmão e ter vindo para o lugar deste — quando ele foi para Lourenço Marques.

É um pequenito invulgarmente dedicado. Ao contrário do costume, que é entrarem pelo escritório dentro sem dizer água-vai e às vezes, até, introduzindo pessoas que aparecem, «Rafael» bate com muito jeitinho e pergunta de lá: — Faz favor..., posso entrar?

E ao sim da resposta, abre de mansinho e entra sorridente, com modos que logo nos conquistam.

Vinha por um inchaço zito num tornozelo, coisa de pouca monta que já está curada. Mas soube-me tão bem naquela hora a sua visita, que verdadeiramente me lembrou o Arcanjo do mesmo nome: Rafael, que significa «medicina de Deus».

x x x

Não é impunemente que alguém dissipa ou guarda para si os dons que recebeu e deveriam ser fundamento do serviço dos outros.

O homem que se encontra com o seu vazio é triste, é infeliz, não se dá bem com o clima que ele próprio nada faz para melhorar. Intoxica a sua alma e vai-a apequenando na inversa, às vezes, de uma bela aparência física.

É um drama que sempre foi e será onde houver uma exigência de vida, onde se levantar um apelo à generosidade.

Assim é entre nós.

E com que dor assistimos ao caminhar curvado, vegetativo, dos que, sob a asa do Anjo



VISTAS DE DENTRO

do Mal, escolheram como ele: «Não servirem!»

x x x

A malta dos 18 anos abalou há momentos para Penafiel, afim de dar o «apelido», como agora é uso dizer-se entre nós, talvez na intenção de insinuar que vão sendo horas de deixar os «apelidos» e se regressar ao nome verdadeiro de cada um.

Avelino veio à partida sobraçando um maço de papeis. Era a documentação de cada um.

Como nós cá em Casa somos um resumo de Portugal, desde Melgaço a Tavira, sem faltar representação da Guiné, de S.

Tomé e das duas grandes Províncias do hemisfério sul, não é tarefa fácil, nem barata, esta de se apresentarem para futuramente irem servir a Pátria aonde Ela os chamar. São nada menos de quatro documentos para cada um. E se a certidão de idade, mai-la da 4.ª classe são gratuitas «para fins militares», só o atestado de residência custa 42\$00; aos quais se hão-de juntar os 6\$00 do requerimento para lhes aceitem o nome, mais o reconhecimento da assinatura com a respectiva abertura de sinal. «Tudo somado, anda lá pelos 60\$00, fora os retratos e os transportes» — me informa o Avelino, que é o nosso «ministro dos papeis».

• Pão dos Pobres II e III vol.

São «livros de ditado. O nome que se vê no lugar do autor (Pai Américo), é única e simplesmente o do humilde ouvinte das queixas do Pobre, que escreve dentro da mansarda o que eles ditam, a pedir pão. Por isso mesmo tu choras, ao ler, como eu também choro, ao ouvir»

- Obra da Rua
- Ovo de Colombo
- Porta Aberta

AS NOSSAS EDIÇÕES

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Nascido sob o signo de Câncer ou de Capricórnio, do que ninguém se livra é do signo fatal da Burocracia!

x x x

O muito trabalho e cansaço dos nossos padres, mantém alguns em longos silêncios, dos quais nós temos que nos sair, dê lá por onde der!

Ora a verdade é que também a inspiração nem sempre por cá paira, «mas a necessidade cria o órgão» e sempre vai aparecendo original.

Hoje, porém, fui vítima de um ultimatum:

— Se até às três e meia não me der original, paro — advertiu-me Manuel António, nosso Chefe-maioral e linotipista-mor, também conhecido ultimamente por «Canecotype».

Pois à pressão vai tudo, até um artigo pró Famoso, posso eu agora testemunhar aos senhores.

Depois do almoço fechei-me no escritório, puz à porta o letreiro que o meu secretário me fez para estes transe:

Interdito!
Não entre.
Obrigado!

e escrevi mesmo.

São quatro menos um quarto. Só me atrasei um quarto de hora em relação à exigência do meu chefe. Espero que ele não seja cruel e me perdoe.

E à conta dele, sempre arranjei mais uma notazita prás «Vistas...»



Cont. da SEGUNDA página

enviado donativos para os meus medicamentos. Que Deus pague a todos cem por um. Dos assinantes novos que têm entrado, ainda só um se lembrou desta casa com um donativo de 400\$00, pedindo em troca apenas um pequeno trabalho. É de Lisboa. A Capital continua, ao menos para nós, a não deixar tirar a camisola amarela. Parabéns pois aos nossos amigos de Lisboa. Por tudo demos graças a Deus.

Maria Augusta



Ninguém desanima. Ninguém! E todas as quinzenas surgem aliciantes. Com a variedade naturalíssima, e própria de cada um dos homens — dos devotos da procissão.

Já temos dito e não cansamos de repetir: quando a gente pega na correspondência desta marcha luminosa — de Luz que vem do Alto — é uma hora cheia e proveitosa. Um clarão de Esperança num mundo em evolução. Quicá precipitada, dirão uns. Outros que não. Todas as épocas têm sua marca... Mas a Mensagem de Jesus, essa, apesar do reboiço, permanece; permanecerá! Servindo de farol e sempre actual — porque d'ontem, d'hoje, de sempre. Assim nos dispusésemos a procurar subir, ao menos, o primeiro degrau da Casa de Nazaré!

● MÃE DE QUATRO FILHOS

A carta que aí vai é de uma «Mãe de quatro filhos». Um tesouro precioso! Ora ouçam:

«Peço a Deus por todos vós das Casas do Galato...

«Em Outubro costumo mandar sempre alguma coisa — bem pouco em relação ao

Campanha de assinaturas

multo amor que tenho à Obra e a quantos nela trabalham que são, afinal, todos, desde os «batatinhas» aos bons Padres. Esse pouco é para pagamento adiantado — como se alguma vez se pudesse pagar... — da assinatura do querido «Famoso». Acontece, porém, que o mês de Outubro já lá vai há muito e só agora tenho oportunidade de enviar o pagamento da minha assinatura...

«Mas o vale que mandei foi no valor de 400\$ porque ao meu dinheiro juntei 200\$ que uma colega minha me deu para pagamento da assinatura do jornalzinho. Esta senhora agradece que enderecem «O Gaiato» para os seus dois filhinhos. Portanto, meu caro Júlio, fará o favor de enviar o jornalzinho para Artur Manuel e António Miguel. A mãe leu e não quer o apelido; apenas o nome próprio. É uma alma extraordinária! «Agora mais duas assinaturas também de colegas minhas. Mas cuja assinatura será paga por elas.

«E nada mais, a não ser renovar os meus votos pelas maiores felicidades para todos vós que eu lembro sempre nas minhas orações.

«Mãe de quatro filhos, pouco mais vos posso dar que pôr sobre a patena, como faço muitas vezes, todos os vossos problemas.»

Aqui está o tesouro. A riqueza da Fé. Bendita carta! Bendita Mãe!

● PROVA DE GRATIDÃO

«Todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão», frizou Pai Américo. Por isso, a Família é rainha. A Família cristã. Escutemos o nosso «Pisco», que foi do Tojal; Paulo Manuel, de baptismo:

«Meus queridos Amigos. «Sou filho da Casa do Galato. Fui criado na Casa do Tojal. «Hoje, já casado, não esqueço nunca os bons tempos ali

passados. Como prova de gratidão, não quero deixar de corresponder ao vosso apelo, no sentido de se angariar novos assinantes para o nosso querido jornal «O Gaiato» ou o «Famoso» como muita gente lhe chama!

«Vendi muitos exemplares do Jornal. E o meu desejo era sempre vender mais e mais! Para melhor me identificar, digo-vos que sou o «Pisco» da Casa do Tojal, alcunha posta pelo Sr. Padre Baptista, pois foi o primeiro Sr. Padre que eu conecti nas Casas do Gaiato.

«Peço, pois, para me incluam no número de assinantes do nosso Jornal.

«Trago, ainda, o nome de uma pessoa minha conhecida, que é grande amiga da nossa Obra e quer também ser assinante, pois eu lhe pedi e que ficou muito contente, pois não sabia como havia de fazer para ser assinante.

«Em breve enviaremos a respectiva importância em vale de correio.

«Envio muitas saudações para toda a malta. E cumprimentos para os Srs. Padres. E um grande abraço ao Sr. Padre Baptista. Agradeço que transmitam.»

Meu caro Paulo: A tua carta é uma faísca! E, quem dera!, o seu clarão ilumine quantos, pela distância, não estão perto de nós. Demos graças a Deus por se ter servido de ti como um despertar. E aqui vai um xi, de partir costelas, de todos e cada um de nós.

● MAIS SANGUE NOVO

Quinzena muito farta! Em nota que pôs à minha frente, Avelino revela que chegaram mais 63 novos assinantes. E que estamos muito perto dos 1.500 — desde que saltámos pra rua. É mais sangue novo entre a família dos 50.000 lei-

tores de «O Gaiato». E fermento de continuidade. Não tardaremos, por isso, se Deus quiser, a chegar aos 2.000.

● SÍNTESE DO DESFILE

Atendendo à magreza de espaço do «Famoso» — e além do que foi divulgado — aí temos o resto do desfile — o grosso da coluna — nos últimos quinze dias:

Em Lisboa e Porto o interesse de sempre! De notar um postal da Capital a frizar que «tenho tentado arranjar mais assinantes, mas todos a quem me dirijo já são assinantes». Formidável!

Salta à vista, mais adiante, uma lista de 6 novos leitores da Lixa — aqui bem perto da porta. E outra com 3 de S. Romão (Serra da Estrela) e 3 de Seia. Mais uma comparação de Espinho. Não se descança por lá enquanto a maior parte dos espinhenses não forem assinantes do «Famoso»! E mais presenças de Oliveira do Douro, Odivelas, Ovar, Paço d'Arcos, e Rio Maior com simpática exigência que se generaliza: «Rogo também o envio do Jornal, a partir do próximo número, para a morada que discrimino...» Foi logo! Mais gente de Pardelhas (Murtosa), Valongo, Aguas Santas, Almada, Peniche, Coimbra, e Figueira da Foz com três, pela mão de uma Avó, que acentua alegremente ser o «meu último neto».

Agora, estamos na Guarda. E, daqui, voamos para Lourenço Marques — com uma série deles. Ali não se corta prego; queremos dizer: trabalha-se afincadamente pela Campanha. E, de regresso à Metrópole, escalamos Nelspruit (Transval). Anda por lá gente interessada. Por isso, hão-de vir mais portugueses de Nelspruit! Finalmente, pousamos em Ilhavo — terra de pescadores. Que bom! Naquele tempo os homens do mar foram os primeiros arautos e obreiros da Mensagem. Ficamos em boas mãos!

JULIO MENDES



Hoje estou cheio de juventude. Os meus cabelos brancos não dizem nada. Estou na juventude dos meus vinte anos de sacerdócio.

Gostei de ouvir há dias, numa grande assembleia cristã, aquele sacerdote pouco mais novo do que eu e que vinha dum encontro de jovens e vinha também cheio de juventude. O seu testemunho foi transmitir a todos que se considerava um padre jovem. Os jovens do encontro tinham-se levantado cedo e tinham feito uma grande caminhada e depois um longo banho de água fria: tudo isto antes da hora de levantar. Ele, responsável pelo encontro, aceitou e compreendeu e por isso se sentia como aqueles jovens.

A reacção da nossa juventude de hoje desconserta-nos. Tanto cai para a direita como para a esquerda. Tudo depende de quem orienta. Se há crise, os grandes culpados são os educadores. A juventude quer ideal. Procura encontrá-lo. Aceita aquele que a convence.

O grande mal está no nosso abandono. Deixamos os jovens

sòzinhos, porque são exigentes e inquietantes, à procura de seus caminhos de felicidade. Esquecemos as pedras que ladeiam as nossas estradas e os marcos postos nas curvas para nos ajudarem a não perder a direcção.

Trago na pasta e no coração uma carta que um grupo de alunos da Escola Industrial e Comercial de Coimbra nos veio entregar. Esta carta é um tesouro. É um tesouro porque revela tesouros. Punhamo-nos humildemente de joelhos para a podermos entender:

«Companheiros da Casa do Galato — Somos 200 alunos que se lembraram de entrar na corrente de alegria por causa de terdes uma casa nova. Fizemos algumas renúncias e até tirámos alguma coisa que nos fazia falta e tudo junto deu essas migalhas que vos entregamos.

É a primeira volta e por isso não está fechado o circuito e a coisa continua. Entregamos a primeira prestação. No fim deste período irá mais uma que temos a esperança será

mais forte. Agora foi tudo muito à pressa, mas com vagar voltaremos a bater-vos à porta. Queremos que a corrente de alegria se estenda a toda a Escola e que a maior parte dos alunos estejam presentes na vossa casa nova com os poucos tostões que poupam nas guloseimas, nos trolley, eléctricos e autocarros.

Vai para todos um grande abraço e desejo de muitas felicidades e bom uso da vossa bela casa.

São vossos amigos os alunos das turmas indicadas nos envelopes, onde colocámos as nossas migalhas.»

Que grande prova de uma juventude que procura realizar um ideal de nobreza! Para estes alunos, os Gaiatos não são objecto de compaixão: são companheiros e amigos.

A juventude em crise é sobretudo aquela que foi criada e vive na abundância; que se julga num plano superior, porque os pais são ricos ou a abandonaram. A renúncia ainda é uma grande arma de conquista!

Há dias veio uma delegação do Liceu D. João III: vários alunos com professores e a presença moral do seu Reitor. Viram tudo. Um dos alunos tomou nota de tudo o que lhe parecia faltar e no fim disse para os companheiros e mestres: — «este ano trouxemos pouco, mas para o próximo ano havemos de trazer o que for necessário para estes rapazes.»

O grande papel de mestres, pais e educadores está em dar à nossa juventude o sentido da dignidade do Homem que Deus criou: o Homem, não objecto de compaixão, mas centro de amor de todos os outros homens.



Padre Horácio Os três amores do nosso Serafim — responsável pela quinta de Paço de Sousa.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE